
AS CONTRIBUIÇÕES

DA LINGUÍSTICA PARA

A FORMAÇÃO

DO PEDAGOGO*

DOI 10.18224/frag.v29i2.7364

POLLYANNA ROSA RIBEIRO**

LAIZ FERREIRA REGO***

Resumo: este artigo busca mostrar a Linguística como componente indispensável para a formação do pedagogo, visto que o suporte desse campo científico oferece ampliação do repertório docente na superação das práticas tradicionais da aquisição da linguagem escrita e do ensino da língua portuguesa. Com mais de um século de existência, a Linguística hoje é constituída por áreas diversas que permitem aprofundar nos componentes da linguagem falada ou escrita. Sendo assim, são muitas as contribuições que esse campo científico nos traz ao se debruçar, sob diferentes prismas, ao que é muito caro ao trabalho do pedagogo: o texto.

Palavras-chave: Formação do pedagogo. Linguística. Alfabetização e educação.

As noções básicas da Linguística são tomadas aqui como objeto de estudo para a formação de professores. Usualmente, essa ciência constitui-se um fundamento dos licenciados em letras, porém, o presente trabalho propõe revelar a importância dos seus conceitos basilares para a formação inicial do pedagogo, docente responsável pela vida inicial dos educandos – sejam crianças, adolescentes, jovens ou adultos – no universo da oralidade, da leitura e da escrita.

A Linguística ganha destaque aqui por descortinar os funcionamentos da linguagem, as línguas e suas variações. Conhecer os caminhos históricos de como esse campo de estudo se consolidou e foi ganhando um corpo diversificado por diferentes óticas é indispensável para alicerçar a atuação do pedagogo na escuta, no diálogo, na reflexão e na promoção das aprendizagens dos educandos. A qualificação de seu trabalho passa, necessariamente, pela sustentação teórica advinda de diferentes campos do conhecimento, dentre eles o linguístico.

* Recebido em: 14.05.2019. Aprovado em: 01.10.2019.

** Mestre em Educação (UFG). Especialista em Educação Infantil, Pedagoga. Professora e pesquisadora na Escola de Formação de Professores da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás). Coordenadora pedagógica da RME. *E-mail:* laizferreirarego12@hotmail.com

*** Pedagoga pela PUC Goiás. *E-mail:* laizferreirarego12@hotmail.com

O INTERESSE HISTÓRICO POR DESVENDAR A LINGUAGEM HUMANA

O que nos caracteriza como humanos? O que permite a interação social? O que possibilita e dá corpo aos saberes e ao intercâmbio de conhecimentos? Temos registros de que essas indagações acompanham o homem desde a Antiguidade, tempo em que já existia a sinalização de que a essas questões eram atribuídas respostas voltadas para a linguagem.

A linguagem é, pois, um foco de interesse muito antigo, envolto de curiosidade e da busca para defini-la, compreendê-la, identificar em que ela consiste e quais suas implicações naquilo que nos torna humanos. Os estudos sobre a linguagem datam desde a Antiguidade e podemos exemplificar que até hoje bebemos nessas fontes, como é o caso das heranças gregas vivas e ainda significativas, a saber, a oratória e a retórica, além dos estudos morfológicos indianos.

Ao longo da Idade Média, foram desenvolvidos diversos estudos gramaticais que atualmente são válidos no ensino da língua materna. Todo esse esforço criou algumas vertentes de estudos. Mas com a mudança das referências para explicar o mundo onde se transferiu a prevalência do conhecimento mitológico ao saber filosófico até a emergência do conhecimento científico, redimensionaram-se também os estudos na área da linguagem. No século XIX, a ciência não era compreendida como hoje e era chamada de Ciência Positivista, que incidiu diretamente nos estudos linguísticos.

Com o fortalecimento do Positivismo, os diversos campos de estudos procuraram o reconhecimento e o prestígio de ganhar o estatuto científico, porém, para alcançá-lo seria indispensável passar sob o crivo dessa corrente de pensamento. Isso também ocorreu com os estudos linguísticos.

A EMERGÊNCIA DA LINGUÍSTICA COMO CIÊNCIA

Sem explicitar essa busca, no início do século XX, o linguista Ferdinand Saussure conseguiu, com uma obra póstuma que lhe foi atribuída, elevar a Linguística como ciência, seguindo a lógica positivista com o *Curso de Linguística Geral*. É perceptível, em sua busca, a definição de um objeto de estudo da Linguística que atendessem aos critérios dessa abordagem científica que era considerada, na época, como a via de construir e conceber o conhecimento “verdadeiro”, isto é, aquele comprovado. Seguindo a lógica matemática, a explicação científica deveria ser exata, portanto, fruto de uma severa pesquisa metódica para definir se um objeto pertinente se caracterizaria por ser observável, objetivo, mensurável e generalizável.

O autor indagou “qual é objeto, ao mesmo tempo integral e concreto, da Linguística? A questão é particularmente difícil: veremos mais tarde por quê” (SAUSSURE, 1995, p. 15). Nesse sentido, ele apresenta várias possibilidades, historicamente levantadas, para a definição do objeto de estudo da Linguística: o som, a linguagem, a fala. Entretanto, ele refuta todas elas e afirma que “somente a língua parece suscetível de uma definição autônoma e fornece um ponto de apoio satisfatório para o espírito” (SAUSSURE, 1995, p. 15). E que espírito seria esse? Certamente o espírito que busca a precisão conceitual¹.

Assim, ele define a língua como “um produto social da faculdade de linguagem e conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos” (SAUSSURE, 1995, p. 17). Com Saussure, podemos depreender que a língua é um sistema social e convencional de signos linguísticos². “Ela é objeto bem

definido no conjunto heteróclito dos fatos da linguagem. Pode-se localizá-la na porção determinada do circuito em que uma imagem auditiva (significante) vem associar-se a um conceito (significado)” (SAUSSURE, 1995, p. 22). Em outras palavras,

[...] a língua assim delimitada é de natureza homogênea: constitui-se num sistema de signos onde, de essencial, só existe a união do sentido e da imagem acústica, e onde as duas partes do signo são igualmente psíquicas. A língua, não menos que a fala, é um objeto de natureza concreta, o que oferece grande vantagem para o seu estudo. Os signos linguísticos, embora sendo essencialmente psíquicos, não são abstrações (SAUSSURE, 1995, p. 23).

Segundo o autor, o signo linguístico é composto por dois elementos indissociáveis, como uma moeda composta por cara e coroa. “Como constituído de duas faces inseparáveis, o significado e o significante: esses dois elementos estão intimamente unidos e um reclama o outro” (SOARES, 2016, p.159).

Apresentando as unidades que formam seu objeto de estudo, ele apresenta como os signos linguísticos funcionam em qualquer língua, seguindo então dois princípios de funcionamento: o caráter linear do signo e a arbitrariedade.

Para Saussure, toda vez que pronunciamos oralmente os signos linguísticos ou os escrevemos, cada um se coloca na sequência do outro, como uma linha, nunca simultaneamente. Já a arbitrariedade refere-se ao modo como o signo linguístico se estabelece socialmente e se torna uma convenção, isto é, de forma imotivada. Não há motivo para que, na língua portuguesa, uma grande imensidão de água seja denominada de mar, pois “a ideia de ‘mar’ não está ligada por relação alguma interior à sequência de som m-a-r que lhe serve de significante; poderia ser representada igualmente bem por outra sequência, não importa qual” (SOARES, 2016, p. 162). Tanto é que em inglês mar é *sea*, em italiano *mare*, em francês *mer*, em alemão *meer*, em holandês *zee*, em húngaro *tenger*, em turco *deniz* etc.

Com tantas controvérsias que acompanham a origem da Linguística como ciência, reconhecemos a importância da elaboração saussureana. Com mais de cem anos, a Linguística consolidou-se como ciência e se transformou. A concepção de língua se alterou, ampliando-se consideravelmente, ganhando diversas abordagens e áreas de interesse que nos ajudam a compreender os fenômenos da linguagem. A partir da Linguística Geral, podemos indicar suas principais áreas: fonética, fonologia, morfologia, sintaxe, semântica, pragmática, análise do discurso, psicolinguística e sociolinguística.

OS SUBSÍDIOS DAS DIFERENTES ÁREAS DA LINGUÍSTICA PARA A FORMAÇÃO DO PEDAGOGO

Mesmo sem ter clareza, qualquer aluno do ensino básico já teve acesso e interagiu com várias dessas áreas ao longo de sua escolarização. Sem dúvida, a fonologia, a morfologia, a sintaxe, a semântica e a pragmática já lhe são familiares, porém, muitas vezes o estudante pouco distingue ou especifica cada uma delas devido ao ensino instrumentalizado e mecânico a que foi submetido. Por isso, este texto é um convite ao reconhecimento de que é possível abordar esses conteúdos em uma perspectiva que ressalte o sentido de cada área da Linguística.

A compreensão básica dessas áreas é indispensável para a formação pedagógica, pois cabe ao pedagogo o trabalho voltado para o ensino-aprendizagem da língua escrita, o aprimoramento da oralidade, a promoção de um processo de alfabetização significativo, contextualizado, a partir de práticas sociais de leitura e de escrita. Portanto, cada uma das áreas acima mencionadas traz importantes contribuições para o suporte teórico e a clarificação desse processo complexo de aprendizagem das crianças. Para Cagliari (2009, p. 34), o docente que trabalha com a língua materna “desde a alfabetização até o último ano escolar deve ter informações desse tipo, do contrário, não poderá realizar sua tarefa com competência e precisão. Quem lida com o ensino de línguas tem que saber linguística”.

Essa é uma defesa de Lima e Souza (1995), pois em sua pesquisa sobre a formação de leitores e escritores, a autora inferiu que a presença imperativa das cartilhas ao longo da alfabetização dos educandos deixava marcas significativas em sua relação com a interpretação e produção textual, permanecendo, em grande parte dos alunos no decorrer da escolarização, a dificuldade de estruturação das ideias expressas pela escrita e a baixa compreensão leitora. Para ela,

[...] o apego do alfabetizador às cartilhas em geral existe ainda apenas por faltar-lhe conhecimento da Linguística. Mesmo assim, as escolas que formam alfabetizadores ainda não incluíram em suas grades curriculares a disciplina Linguística. Entretanto, é de se esperar que isso não demore muito a acontecer, pois nos cursos superiores de Letras e Pedagogia, vem acontecendo, já há algum tempo, não somente o ensino da Linguística enquanto ciência, como também a aplicação dessa ao ensino da língua materna (LIMA E SOUZA, 1995, p. 39).

A ação docente ganha criticidade e solidez ao recorrer às áreas da linguística como fundamentos, tal qual a Psicologia, a Filosofia, a Sociologia, entre outras que contribuem para a formação pedagógica. A clareza do conteúdo por parte do professor aprimora suas propostas metodológicas; exerce influência na escolha dos textos, produção e na escolha de materiais apropriados; interfere no planejamento, visto que, considerando os conhecimentos prévios e o tempo de aprender, favorece uma problematização desafiadora; assim como o uso de diferentes estratégias de estudo da língua portuguesa a partir dos usos da língua materna em diversas circunstâncias sociais.

Essas ações citadas anteriormente ocorrem se o pedagogo tiver o domínio das noções básicas das diversas áreas da linguística, pois não é possível ensinar o que não se conhece. Segundo Travaglia (2013, p.19), “o ensino/aprendizagem, em qualquer circunstância, só pode acontecer a partir de uma condição básica: haver o encontro entre alguém que quer aprender e alguém que sabe o que vai ensinar”.

O pedagogo que busca se aprofundar nas áreas de interesse da linguística seleciona o que vai ensinar baseado nas concepções que acredita ser relevantes para a aprendizagem dos seus alunos. Essa aprendizagem que ocorre nas escolas, geralmente, tem a intenção de possibilitar a transição dos alunos nas situações de interações sociais, construir seus vínculos afetivos, defender os posicionamentos políticos, ler a realidade e os textos que nos circundam e agir com criticidade.

Como já anunciado anteriormente, consideramos que as áreas de interesse da linguística contribuem significativamente para a formação do pedagogo e dão solidez às suas

ações e aos seus argumentos. Diante disso, apresentaremos as especificidades de cada ramificação no tocante à reflexão e análise da língua.

A fonética estuda a voz humana e os sons da fala, procurando analisar e descrever a fala das pessoas da maneira como ocorre nas diversas situações cotidianas. O professor, ciente dessa abordagem linguística, consegue atribuir significados nas falas que as crianças levam para a sala de aula, considerando o que conhece com relação à comunicação, que estabelece socialmente pela sua cultura.

Ciente da base biológica na qual se situa o conjunto do aparelho fonador que está a serviço da produção vocal, o docente não só se mostra atento à sua própria produção vocal, que carece de cuidados específicos, mas também aos sons que as crianças já articulam e quais ainda podem conquistar.

Com os estudos sobre a fonética, o pedagogo compreende que essa é fundamental para o processo de aprendizagem e consegue ampliar os conhecimentos prévios dos discentes, baseado no que eles sabem e, posteriormente, aprender a falar e produzir os sons de sua cultura, ou seja, de sua língua materna. A fonética tem como fio condutor com o campo sonoro, sua percepção e sua produção. Com isso, todas as formas de produções sonoras que os seres humanos estabelecem favorecem a comunicação e a aprendizagem.

A fonologia, juntamente com a fonética, estuda os sons específicos da língua, dedicando-se, particularmente, a conhecer as convenções da língua, tanto no campo oral quanto aos sons registrados por meio do sistema de escrita. Nesse sentido, a fonologia trata da organização sonora e sua estruturação na representação gráfica. Essa área preocupa-se com a funcionalidade do som para o intercâmbio social, a construção e o sentido de um texto e a ampliação dos conhecimentos sobre a língua também no contexto da escrita.

O domínio desses conhecimentos possibilita que a atuação docente possa ser efetivada no sentido de promover conhecimentos sobre as regras da língua, suas variações e as convenções nos campos oral e escrito. É necessário recorrer aos conceitos e classificações de letras, fonemas, sílabas e à prosódia dos signos, tendo como referência a pronúncia dos falantes em um contexto e o trânsito do texto oral e do texto escrito.

Essas noções são muito importantes para a compreensão das hipóteses escritas das crianças, a lógica empregada em suas elaborações escritas e produções textuais. Quanto maior a imersão da criança no universo da escrita, mais ela recorrerá às relações da fonologia, a articulação escrita e som e as adequações às normas, como os esclarecimentos sobre o uso dos sinais de acentuação. A fonologia trata dessa tentativa de se fazer uso de alguns recursos que são tão escassos na escrita, porém, tão abundantes na fala, tal como as nuances da voz, a entonação e a gestualidade, etc.

O fonema, na língua escrita, apresenta-se por meio das letras. Algumas vezes, ele pode ser representado por mais de uma letra do alfabeto. Ocorre também de a mesma letra ser representada por mais de um fonema, uma vez que o número de letras não corresponde necessariamente ao número de fonemas. Esse fato possibilita ao docente desenvolver maior compreensão sobre as formas de escrita elaboradas pelas crianças e a natureza de suas hipóteses.

A morfologia é a área da linguística que estuda “a forma das palavras”, a estrutura, formação e classificação. Tem o intuito de estudar a palavra em si, isolada do texto, compreendendo seus conceitos e a imagem sonora. Para o docente, alcançar essa ação possibilitará melhor atuação com relação a seus alunos, podendo entender a língua em si e melhorando o desempenho acadêmico e social.

Essa área estuda o signo linguístico como um todo, na indissociabilidade significante e significado. Em sua expressão mais reduzida, é possível identificar os elementos que constituem a estrutura dos signos, tendo suas unidades denominadas por morfema, que representa a menor sequência de sons e pistas de significado. A combinação desses morfemas transforma-se em unidades maiores, as palavras e os sintagmas.

Já a morfologia de classes é formada por dez classificações, que indicam a função da palavra em um contexto. As primeiras classificações giram em torno do substantivo, que diz respeito a palavras que denominam seres, objetos, pessoas, fenômenos, lugares, sentimentos, estados, qualidades, ações; o artigo acompanha o substantivo e indica suas especificidades no tocante à definição ou indefinição, determinando o gênero e o número do mesmo; o adjetivo qualifica ou caracteriza o substantivo; o numeral quantifica ou sequencia os seres; o pronome tem como propósito substituir ou acompanhar o substantivo; o verbo indica ação, estado, fenômeno da natureza, ocorrência ou desejo e se modifica conforme a pessoa, número, tempo, modo e voz; o advérbio está sempre relacionado ao verbo, acrescentando-lhe mais circunstâncias, modificando-o ou lhe trazendo mais detalhes; a conjunção tem como finalidade ligar duas orações, ou seja, uma frase que contém verbo(s) ou locuções verbais; a preposição tem o papel de criar vínculo entre diferentes palavras. Por fim, a interjeição é uma palavra que expressa emoções, sensações, apelo ou representação de sons convencionais.

Compreendendo a funcionalidade da morfologia para a escrita, os professores conseguem determinar esses conceitos para seus alunos, distanciando-se de um ensino baseado na memorização, mas na compreensão. É preciso romper com o ciclo do ensino da língua portuguesa mecânico e desprovido de sentido. Quando o professor é orientado por uma concepção de que o mais importante é qualificar a leitura e a escrita, a própria abordagem desses conceitos linguísticos não é realizada nos anos iniciais de escolarização, e sim quando a criança já se torna um leitor e um escritor mais experiente que busca aprofundar a composição da língua.

A sintaxe, por sua vez, é a parte da linguística que estuda o posicionamento das palavras no contexto e suas regras de ordenação. A sintaxe permite o aprimoramento textual, as possibilidades de combinar palavras e enunciados da língua. Basicamente, a sintaxe organiza-se por frases, orações e períodos, que se desdobram em outras subclassificações. As frases são os enunciados de sentido completo, que exprimem ideias, emoções, ordens e apelos; a oração é uma frase que possui verbo em sua construção e o período é formado por uma ou mais orações. São nas interações que aprendemos como dispor das palavras em um contexto e sua combinatória precisa se organizar de tal forma a garantir a compreensão do interlocutor.

Os estudos da semântica permitem-nos reconhecer o significado e a sua interpretação em um signo, frase ou expressão em um contexto, pois os vários sentidos que um termo pode ganhar é uma propriedade muito comum em qualquer língua, isto é, a polissemia. Para compreender a flexibilidade que rege a presença do conceito na forma de uma palavra, a semântica traz algumas classificações que nos permitem transitar pela língua com maior precisão a partir de diferenciações entre os sinônimos, os antônimos, a polissemia, a homonímia e a paronímia.

A semântica investiga o significado, que é uma das dimensões do signo linguístico. As palavras podem indicar ideias diferentes, mas, se posicionadas em um contexto, têm o sentido mais definido. Ela compreende a natureza, a função e os usos desses significados. Apropriando-se disso, o professor consegue exercer a intencionalidade do contexto em uma frase, reconhece sua importância para entender diversos textos e com isso possibilitar que seus alunos produzam textos contextualizados e com significado para seus leitores.

Quanto à pragmática, essa é a área que resgata, para a Linguística, a fala, a oralidade, que foi relegada por Saussure a um segundo plano. É o ramo da linguística que estuda a linguagem no contexto de seu uso na comunicação, é a língua na prática, no cotidiano. Ela se debruça sobre a comunicação social e seu contexto interacional para os estudos de diferentes finalidades.

O sentido está em sua utilização, no seu efeito prático que os atos de fala podem gerar, importando-se com a comunicação e o funcionamento da linguagem entre os usuários. Sabendo que, quanto maior o domínio da linguagem, maior será a capacidade do falante de compreender enunciados implícitos, o professor pode ajudar seus alunos a ampliar e direcionar seus discursos no âmbito cultural e acadêmico.

A pragmática oportuniza o exercício da linguagem na prática, possibilitando aos alunos que ampliem seu repertório cultural, analisando as escolhas das palavras que utilizamos, as restrições da linguagem em determinadas intervenções sociais e o efeito que o uso da linguagem tem sobre os outros participantes no ato da comunicação. A pragmática se interessa com o que se faz através da linguagem, em que circunstância e com que finalidade. A linguagem vive o uso que os falantes fazem dela, na maneira como os interlocutores estabelecem um diálogo, no modo como as pessoas interagem com seus recursos linguísticos e extralinguísticos, nos múltiplos sentidos, no uso que as sociedades fazem de certos modos de falar para manifestar sua cultura e até seus preconceitos.

Outra área fundamental da Linguística é a Análise do Discurso, que desperta no próprio docente o desejo de ir além da aparência do texto e buscar reconhecer o(s) discurso(s) que estão presentes em qualquer texto, mas muitas vezes não de forma explícita. Para realizar aquilo que essa área anuncia, isto é, uma análise, é necessário explorar o texto, não apenas sua estrutura, mas também todo o seu contexto de produção, as relações contextuais que ele estabelece com a conjuntura e com outros textos, com a finalidade de compreender as ideologias presentes direta e indiretamente em qualquer texto.

Ao acessar as noções básicas da análise do discurso, é como se o professor recebesse um convite para investigar, dedicar-se a conhecer mais, ultrapassar a superficialidade, estabelecer relações e criticar a realidade. Com as contribuições dessa área, os educadores podem desenvolver, em seu contexto educacional, a capacidade de relacionar os conteúdos ao contexto social em que o texto se desenvolve. Mais que uma análise textual, a Análise do Discurso é uma análise contextual da estrutura discursiva. Compreendendo os assuntos comuns à sociedade, pode-se, com isso, desvelar características que não estejam explícitas no texto. Dessa forma, a análise do discurso nos chama para, a partir de um texto, estabelecer elos com outros.

Dessas áreas, destacamos agora duas que trouxeram grande impacto e influência para o meio educativo, a saber: a psicolinguística e a sociolinguística. Ambas são frutos da articulação de diferentes ciências com a linguística, ampliando a discussão do que constitui a produção humana pela via da linguagem e os fatores que a influenciam, cada qual sob sua ótica.

Em linhas gerais, a psicolinguística é uma abordagem que busca conhecer os processos que nos permitem conhecer a natureza da linguagem. É uma área que tem o intuito de iluminar algumas questões, como: O que ocorre cognitivamente quando falamos, lemos e escrevemos? Que fatores determinam as ações de falar, ler e escrever? Quais os processos cognitivos que atuam em cada ato de linguagem? O que favorece a aquisição da leitura e da escrita?

Ao se contrapor ao behaviorismo linguístico, que tinha amplo alcance no meio educacional, a psicolinguística trouxe implicações pedagógicas importantes que ressoaram na construção de outros rumos para as práticas educativas, diferenciando os mecanismos mentais nos atos de falar, ler e escrever. Desse modo, ela traz outra visão sobre o “erro” nos processos de aprendizagem, entre outras contribuições.

Enquanto a psicolinguística é mais centrada na aprendizagem individual, a sociolinguística preocupa-se em descortinar os vínculos entre a língua e a sociedade, as variações linguísticas e as manifestações de poder que são impregnadas nas relações sociais. Ao trazer essa tônica para a sala de aula, as contribuições da sociolinguística redimensionam a atuação docente ao encarar o conhecimento linguístico como forma de apropriação cultural e participação social.

Esse conjunto de áreas de interesse da Linguística amplia a percepção das diferentes facetas que compõem a língua em suas diferentes manifestações e ocasiões. Conhecê-las, mesmo que a título de introdução, provoca a reflexão sobre o que nos constitui como humanos: a interação social atravessada pela linguagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa breve trajetória pelas áreas da Linguística demonstra o quanto esse campo do conhecimento está em pleno vigor de atualização e transformação. Essa dinâmica é própria não só às relações humanas, quanto também ao meio educacional, até porque quando falamos de língua, nos reportamos ao movimento de permanência e metamorfose simbólica dos signos linguísticos.

Ao examinarmos mais de perto o que consideramos atualmente como língua como um sistema que produz laço social a partir das interações discursivas e textuais, portanto, as trocas linguísticas sustentam os processos de conhecer, analisar, pensar e agir no mundo.

Conhecer a trajetória de desenvolvimento da linguística – seu percurso de ampliação de seu objeto, os subsídios oferecidos pela fonética, fonologia, morfologia, sintaxe, semântica, pragmática, análise do discurso, psicolinguística e sociolinguística – é um propósito que a formação pedagógica precisa alcançar dentro do amplo espectro que constitui a formação docente.

Logo, ao ter mais clareza sobre as fontes de estudo que são as áreas de interesse da linguística, o pedagogo qualifica sua formação e, conseqüentemente, amplia suas possibilidades de enriquecimento do debate e da atuação educativa. Ao ter o suporte epistemológico da linguística, o professor terá maior capacidade de selecionar mais cuidadosamente os textos para suas aulas, propondo o cotejamento e o embate entre textos e aguçando sua escuta e de seus alunos do que falamos, lemos e escrevemos. Nossa aposta é que o arcabouço linguístico favorece assim uma aprendizagem mais significativa e problematizadora, por isso, o convite de revisitar e conhecer mais a língua que nos constitui como sujeito que somos.

Notas

- 1 Vale lembrar que Saussure não escreveu o *Curso de Linguística Geral*, uma vez que essa obra é fruto das anotações das aulas e dos cursos ministrados por ele, registradas e organizadas por Charles Bally e Albert Sechehay. Então, não podemos afirmar que Saussure era positivista porque a publicação atribuída não foi de fato escrita por ele. O conteúdo ali apresentado possui características positivistas, visto que essa era uma marca cultural da época.

- 2 Ao apresentar a língua como um sistema, ou seja, um conjunto organizado de signos linguísticos, isto é, as relações sociais estão organizadas como uma estrutura que tem como unidade o signo linguístico, Saussure inaugura o “estruturalismo”. A teoria saussureana estrutura-se na apresentação de uma série de conceitos que se conecta em pares: significante e significado, arbitrariedade e linearidade, sincronia e diacronia, eixo sintagmático e eixo paradigmático, etc.

Referências

- CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetização e linguística*. São Paulo: Scipione, 2009.
- LIMA E SOUZA, Elizabeth Landi de. *Caminho Suave e Pipoca: o alfabetizando como não sujeito do processo*. In: BRAGGIO, Sílvia L. B. (org.). *Contribuições da linguística para a alfabetização*. Goiânia: Ed. da UFG, 1995. p. 11-42.
- SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 1995.
- SOARES, Magda. *Alfabetização: a questão dos métodos*. São Paulo: Contexto, 2016.
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Na trilha da gramática: conhecimento linguístico na alfabetização e letramento*. São Paulo: Cortez, 2013.